

ASSIM VAI O MUNDO...

por Mário Soares

1. De repente, toda gente acordou para os problemas que a expansão económica chinesa - e a entrada da China na Organização Mundial do Comércio - levantam para a América, para a Europa e mesmo para o Japão. Nós, portugueses, à nossa pequena escala, estamos preocupadíssimos com a concorrência chinesa aos têxteis portugueses, imbatível, nos casos em que não houve uma reciclagem oportuna das nossas empresas. Como se isso fosse uma novidade ou uma surpresa para alguém. Há muito que sabíamos que ia ser assim. Simplesmente, muito poucos dos nossos empresários e industriais pensaram nisso a sério. Por outro lado, não foram tomadas, a tempo, pelo Governo as medidas e os incentivos necessários, para poder evitar - ou minorar - as consequências desastrosas que resultam dos baixos preços que a China oferece, no mercado global, em virtude dos baixos salários (sem garantias sociais) que continua a praticar.

Os americanos pensaram em medidas proteccionistas, como a União Europeia, mas a China argumenta - e com razão - que quem lhes ensinou e pressionou quanto à obediência das regras do sacrossanto mercado livre foram os ocidentais. E retaliar a China - à qual os grandes países do Ocidente tanto gostam de vender os produtos mais sofisticados da sua tecnologia de ponta - e que é o maior detentor actual dos títulos do Tesouro americano, não é a mesma coisa que proteger as suas fronteiras - mesmo contra as regras da OMC - dos produtos de exportação vindos da América Latina ou de outras regiões do Mundo. As coisas são o que são, como dizem os teóricos das relações de força inter-Estados, como a única forma eficaz de resolver os conflitos internacionais. A China é um colosso - com alguns pés de barro, diga-se - e a atitude mais pragmática do Ocidente é habituar-se a conviver com ela...

2. A verdade é que perante o G 7, esse directório dos países ricos, que aspira a governar o mundo, sem qualquer legitimidade e menosprezando a ONU, segundo as regras de uma globalização económica, inspirada pelo neo-liberalismo que - como se tem visto - aproveita fundamentalmente aos países ricos, começam a erguer-se, como novos gigantes, os chamados países emergentes, não só a China, como também a Índia, seu contraponto tradicional na Ásia, o Brasil, a Malásia e talvez a África do Sul. São países que descolaram ou estão em vias disso, no plano do seu potencial económico, do Terceiro Mundo e que hoje, apesar das suas diferentes fragilidades, fazem parte do Segundo Mundo, substituindo, nesse sentido e de algum modo, o papel de contenção desempenhado pelo império soviético no tempo da "guerra fria".

E a Rússia? O esforço notável de Vladimir Putin, que não corre no sentido da democracia, é verdade, como os americanos desejariam (mas, cegos pelos interesses, nada fizeram de consistente para o conseguir) visa evitar a desagregação da Grande Rússia e manter, quanto possível, uma posição de grande potência no concerto internacional. Tem, para tanto, duas grandes vantagens: um arsenal nuclear e militar obsoleto mas ainda considerável; e petróleo e gás natural quanto baste para estimular a sua ainda débil economia, em tempo de crise energética e de alta geral do preço do petróleo.

3. Os Estados Unidos, no início do novo milénio, sonharam com o reforço do seu hegemonismo, sem rival, afirmando, em todos os continentes, o enorme peso do seu "império benigno". A União Europeia acomodou-se, com excessiva facilidade - saliente-se - ao papel de brilhante segundo. Mas o mundo não pára. A vitória de George W. Bush, catapultou, a nível do poder supremo, a estratégia arrogante - e nada benigna, como se tem visto - dos "neo-cons". Confrontado, depois, com o desafio inesperado do terrorismo global, que constituiu um trauma terrível para a maioria dos americanos, lançou-se, de forma insensata, numa fuga para a frente que desembocou na "guerra preventiva", conduzida à margem da ONU e no desrespeito do Direito Internacional e dos Direitos Humanos. Um erro histórico, de consequências extremamente pesadas para a América e para o Ocidente. No plano dos custos militares, humanos e materiais, no plano do desprestígio internacional da América no Mundo e ainda no da fragilização da economia americana, que atravessa hoje nova crise já indisfarçável.

4. Sucede ainda que a guerra contra o Iraque funcionou como um formidável revelador das debilidades, contradições e divisões do Ocidente, a ponto de muitos se perguntarem, num momento de crise dos grandes valores, se as grandes referências hoje dos Estados Unidos de Bush - perante uma opinião pública interna dividida e confusa - são os mesmos pelos quais nos continuamos a bater na União Europeia?

Ora é óbvio que, em domínios decisivos não são. Não valerá a pena disfarçar. No campo do Direito Internacional e da marginalização ou do reforço da ONU, como factor essencial de paz. No dos Direitos Humanos e da sua observância. São ou não vinculativos, em todas as circunstâncias? Não se esqueça Guantanamo, as prisões de Bagdad e o problema da interdição ou da aceitação da pena de morte. No do respeito pelo Tribunal Penal Internacional e pela sua competência para julgar os crimes de guerra, os responsáveis por genocídios e por crimes contra a Humanidade, sejam praticados por quem forem e independentemente das nacionalidades que tiverem. No respeito por regras ambientais essenciais, contra a poluição, a desordem ecológica e pela preservação da biodiversidade, lembrando que os Estados Unidos são os maiores poluidores do mundo e não subscreveram os Acordos de Quioto. Quanto à laicização e à separação das Igrejas dos Estados, considerando que as diferentes religiões não devem interferir na vida política dos Estados para não cairmos em novas teocracias. Quanto ao problema social e ao dever dos Estados intervirem na regulação da vida económica, a fim de assegurar a justiça social e corrigir algumas das gritantes desigualdades que o mercado necessariamente gera. E, finalmente, quanto ao dever de solidariedade, no plano internacional, dos Estados desenvolvidos em relação aos Estados e aos Povos pobres, aceitando como um dever a luta contra a pobreza e por condições mínimas de vida digna para todos, quando a fome, a miséria, epidemias como a SIDA e carências essenciais, como a falta de água potável, de habitação digna, de cuidados de saúde elementares, a falta do acesso ao ensino, etc. continuam a afligir cerca de metade da Humanidade. Um escândalo a nível universal!

5. Reconheçamos que a União Europeia, hoje um polo de atracção e de referência insubstituível para todos os Continentes - detentor da moeda mais forte do mundo, o euro - não tem estado, neste início de milénio, à altura das suas responsabilidades. Tem praticado um certo seguidismo, em relação aos Estados Unidos, que algumas vezes terá roçado a subserviência.

Na verdade, muitos políticos europeus têm mostrado uma certa tendência a instalar-se no conformismo das antigas rotinas, nas relações USA/UE, sem querer ver que o mundo está a mudar, com incrível velocidade, as contradições, que eram antes pequenas fissuras, estão a agravar-se, e que a União Europeia deve ter uma estratégia autónoma, e dotar-se dos meios necessários para a concretizar, se quiser assumir as responsabilidades que lhe incumbem e continuar como uma referência para o Mundo.

Ora, os políticos passam e as ideias e as suas orientações sobrevivem. Não podem adiar as opções que lhes batem à porta. Confrontados com a aprovação - ou rejeição - da Constituição Europeia, não quero acreditar que os políticos europeus, independentemente das suas nacionalidades, não tenham a consciência de que os problemas internos de cada Nação, respeitáveis no imediato, não devem condicionar uma escolha essencial para o nosso Continente e para o papel que a Europa é chamada a desempenhar no Mundo.

Por isso acredito que os europeus votem sim à Constituição Europeia, na hora da verdade. Representa um passo em frente no projecto político mais original e fecundo dos últimos cinquenta anos. Deixá-lo a meio, seria uma catástrofe, talvez ultrapassável, a prazo, mas seguramente um recuo tremendo. Sobretudo a Esquerda deve ter consciência disso. Porque em tempo de globalização neo-liberal, com a Direita ainda tão forte e arrogante, depois da queda do império soviético - e quantos novos países-colossos estão a emergir - não creio que a Esquerda possa ganhar qualquer coisa, enfraquecendo o projecto europeu que, apesar das suas contradições, continua a ser o maior factor de esperança e de equilíbrio no mundo sombrio - e sem referências - que é hoje o nosso.

Lisboa, 5 de Maio de 2005